

ENGERAMENTO E OUTRAS HISTÓRIAS: as narrativas orais no distrito de Barreira do Andirá

Érika Trindade Costa¹⁵
Dilce Pio Nascimento¹⁶
Heloísa Reis Curvelo*

RESUMO: Com esta pesquisa temos o intuito de discutir a cerca da literatura oral¹⁷, mais precisamente a presença e a função sociocultural das narrativas orais nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Para isto, optou-se por uma pesquisa de campo, realizada através de entrevistas abertas, por meio da contação de histórias, com auxílio da História Oral, para coletar suas manifestações mais naturais, as variadas estórias disseminadas pelos mais velhos na comunidade de Barreira do Andirá, município de Barreirinha/AM, lugar de origem da família da pesquisadora. Os principais objetivos da referida pesquisa foram coletar narrativas orais de pessoas mais velhas, moradoras no Distrito de Barreira do Andirá com a finalidade de resgatar as narrativas orais que fazem parte da história da comunidade. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, uma vez que a intenção deste trabalho não focou somente na coleta das narrativas, mas em entender a importância do ato de contar histórias, e quais elementos importantes estavam presentes em cada uma delas. A partir do que foi coletado, pôde-se conhecer mais sobre a construção histórico-cultural da região, assim como entender as influências da tecnologia no cotidiano daqueles sujeitos, e como essas narrativas orais estão sendo trabalhadas atualmente. O local onde se desenvolveu a coleta das narrativas, foi a comunidade de Barreira do Andirá, localizada em uma área fronteira entre os municípios de Parintins e Barreirinha, onde residem cerca de 206 famílias, compostas, principalmente por agricultores e pescadores. Os sujeitos da pesquisa foram cinco moradores do Distrito: Antônio Gonçalves Viana, Maria do Carmo, Moisés Viana, Paulo Sérgio dos Santos Trindade e Basílio Tenório. O critério para a escolha dessas pessoas, deu-se, primeiramente pela idade, pois a pesquisadora focou nas narrativas dos mais velhos moradores. Levou-se também em consideração o fato desses moradores pertencerem às famílias que protagonizaram a fundação daquele vilarejo. Os principais teóricos que embasaram esta pesquisa foram Ong (1998), Zumthor (1993 e 2000), Bosi (1979), Benjamim (1987), Cascudo (2006) e Freitas (2006).
PALAVRAS-CHAVE: Literatura oral. Comunidade de Barreira do Andirá. Amazonas.

INTRODUÇÃO

¹⁵ É Licenciada em Letras-Língua Portuguesa- pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins. É professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Barreirinha (SEMED-AM). Foi bolsista de extensão no Programa de Extensão Comunitária (PROGEX/UEA – 2019 a 2020). Foi bolsista do Programa de Residência Pedagógica (2022-2023). E-mail: let18@uea.edu.br

¹⁶ Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (2013). Possui especializações em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna pela Universidade Federal do Amazonas (2003); Especialização Aperfeiçoamento em Língua Latina e Tradução dos Clássicos. É graduada em Licenciatura Plena em Letras- Língua Portuguesa (UFAM, 2002). Membro do Núcleo de Pesquisa Núcleo de Investigação de Cultura e da Educação no Baixo Amazonas. Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP-UEA). Atua nas áreas de Letras, com ênfase em Teatro, Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, Literatura Amazonense e Literatura Pan-Amazônica. Atuou como professora de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas (2007 a 2009). Ganhou o Prêmio Literário de poesia da Academia de Letras do Brasil-Amazonas no concurso "Universo poético da Mulher Amazonense". E-mail: dpnascimento@uea.edu.br

*Professora Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB)UFMA (desde 2020), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão (desde 2020); Membro integrante do Conselho de Ética em Pesquisa da UFMA-CEP, conforme portaria GR n 474/2021-MR. E-mail: hrc.matos@ufma.br

¹⁷ Este artigo é a adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, sob a forma de monografia, apresentada como pré-requisito final à obtenção de grau de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas, em 2023.

Este trabalho apresenta um dos temas que sempre estiveram presentes na vida da pesquisadora, a oralidade. O primeiro contato que as crianças ribeirinhas têm com a literatura ocorre por meio das narrativas orais, a base do imaginário caboclo. As memórias literárias da pesquisadora são formadas pelas lembranças de quando residia na comunidade de Barreira do Andirá, comunidade rural do município de Barreirinha no Estado do Amazonas. Recordar-se que nos dias em que a energia elétrica faltava, era costume criar rodas de contação de histórias, quase sempre sobre visagens, com o intuito de amedrontar as crianças. Essas narrativas, cheias de detalhes, faziam as crianças imaginar os lugares, as pessoas, e, assim, apresentavam um vasto universo literário.

A pesquisadora conheceu os clássicos da literatura infantil por intermédio da oralidade, ouvindo o programa de rádio *A hora alegre da criança*, produzido pelo Sistema Alvorada de Comunicação¹⁸. Não importava o que estivessem fazendo no momento, as crianças da comunidade iam para as suas casas ao final da tarde, esperar o programa começar, para escutar histórias como a dos “Três porquinhos”, “A bela e a fera”, “O patinho feio”, entre outras. Na universidade deparou-se com a literatura oral, agora, não mais vista como um campo menor de pesquisa, restrito aos estudos da História Oral. Saber que oralidade também faz parte da arte literária, foi o principal motivo de enveredar-se por essa pesquisa.

Esse estudo consiste em mostrar a importância que a oralidade exerce na sociedade, para tal, buscou-se discuti-las sob a ótica do resgate cultural e identitário, tendo como base as narrativas coletadas no Distrito de Barreira do Andirá. Essas histórias foram contadas por quatro moradores: Antônio Gonçalves, Maria Barbosa, Paulo Sérgio e Moisés Viana, escolhidos por serem os comunitários mais velhos. Posteriormente, foi introduzido no trabalho os relatos do Professor Basílio Tenório, de maneira que, ao todo, temos cinco narradores.

O presente artigo foi dividido nas seguintes sessões: o primeiro item trata sobre Oralidade e escrita: **breves definições**. Neste tópico, farei breve definição sobre a oralidade e escrita, partindo da ideia de que a oralidade é a gênese do discurso, e por isso precisa novamente ocupar o lugar de destaque, e não mais ser rotulada com uma mera

¹⁸ A emissora de rádio mais antiga da cidade de Parintins que leva as notícias aos demais municípios adjacentes.

representação do mundo letrado. No segundo item **o que é Literatura Oral**, nesse tópico apresento as relações entre o folclore e a oralidade bem como o termo “literatura oral” que foi menosprezado por não fazer parte do cânone literário. E por fim, a sessão **engeramento e outras histórias: narrativas orais no Distrito de Barreira do Andirá** que tem o objetivo dar visibilidade aos grupos sociais marginalizados, como pequenos vilarejos da Amazônia desconhecidos, mostrando suas peculiaridades culturais, através de uma polifonia discursiva.

ORALIDADE E ESCRITA

A comunicação é uma necessidade básica do ser humano, que pode ser feita de diversas maneiras, mas, a oralidade é sem dúvidas a sua forma de expressão mais importante, pois, através dela, conseguimos externalizar os nossos desejos e necessidades, que se ampliam no decorrer da vida, a partir do momento que nos entendemos no mundo e interagimos com os outros ao nosso redor.

De acordo com Ong (1998, p.10), “a sociedade humana primeiramente se formou com a ajuda do discurso oral, tornando-se letrada muito mais tarde em sua história, e inicialmente apenas em certos grupos”. Ainda hoje, não há um consenso em relação a como o homem primitivo começou a comunicar-se, mas, os estudiosos partem da ideia de que essa troca de informações se deu por meio de um processo evolutivo. A criação desses diferentes signos linguísticos possibilitou, muito tempo depois, o surgimento dos primeiros alfabetos e, com isso, a necessidade de encontrar maneiras de deixá-los registrados.

Com a invenção da escrita, a oralidade, nos moldes como era conhecida anteriormente, foi perdendo espaço, e passou a ser reconhecida como uma representação do mundo letrado, o que fez com que ela demorasse muito tempo para ganhar *status* de ciência. Foi somente nos anos 60, que surgiram estudos mais expressivos sobre o tema, com intuito de discutir a relação entre cultura oral e escrita, isso partiu da tentativa de colocar novamente a oralidade em uma posição de destaque.

Ao falar sobre a natureza do som, Ong (1998) afirmava que o som exerce um grande poder, pois todo som, especialmente a enunciação oral, vem de dentro dos organismos vivos, por isso é dinâmico. Tal afirmativa nos faz entender que a oralidade tem sua origem no som, mas, diferente da escrita, não é puramente verbal, porque quando

alguém conta uma história utiliza a expressão corporal e muitos elementos. Ainda sobre o tema, o autor explica como isso era trabalhado na antiguidade grega:

No ocidente, entre os antigos gregos, a fascinação apresentou-se na formação da vasta e rigorosamente elaborada arte da retórica, o mais abrangente tema de estudo em toda a cultura ocidental por 2 mil anos. No grego original, a palavra “*technē rhetorikē*” arte do discurso, (comumente abreviada como *rhetorikē*) referia-se fundamentalmente ao ato de falar, muito embora como “arte” ou ciência refletida, organizada- por exemplo, na Arte retórica de Aristóteles-, a retórica fosse e devesse ser um produto da escrita. (Ong, 1998, p. 18).

A retórica significava basicamente a arte de falar em público, com um instrumento político, também conhecida como oratória, e isso permaneceu por muito tempo como o paradigma central dos discursos. Ela foi incorporada ao universo escrito, e assim se organizou quanto princípios, mas essa predominância teve consequências, pois criou-se a ideia de que oral e escritos eram coisas idênticas, pois o oral era o produto da escrita.

Para Ong (1998) o interesse pelo estudo da oralidade teve como principal influência o pensamento de Saussure, conhecido como “o pai da linguística moderna”, por meio de um estudo iniciado por Milman Parry, (1902), e finalizado por Albert B. Lord, a respeito dos epítetos homéricos, presentes nas obras Odisseia e Ilíada. Nos estudos de Saussure, ele “[...] chamara a atenção para a primazia do discurso oral, que sustenta toda comunicação verbal, assim como para a tendência predominante, até mesmo entre os estudiosos, a pensar na escrita como forma básica da linguagem” (Ong, 1998, p. 13). Isso serviu de base para que o estudioso desenvolvesse seu pensamento sobre a cultura oral dividindo-a em categorias.

Essas divisões foram denominadas de: “oralidade primária” e a “oralidade secundária”. A oralidade primária, refere-se às culturas que não foram afetadas pela escrita: “[...] designo como “oralidade primária, a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão” (Ong, 1998, p. 19). Nesse tipo de cultura, os indivíduos não possuem o letramento alfabético, tampouco conhecem a imprensa, as suas formas de compreender o mundo são conservadoras e tradicionais pois a palavra existe no som e se relaciona com o seu modo de vida.

Já a oralidade secundária surge após a criação da escrita, a chamada era eletrônica: “[...] oralidade secundária da atual cultura da tecnologia, na qual uma nova

oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão, ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja experiência e funcionamento dependem da escrita e da impressão. (Ong, 1998, p. 19). Segundo o autor, a oralidade secundária reforça as práticas da primeira, mas vale ressaltar que as discussões traçadas por ele foram feitas com base nas transformações e invenções de seu tempo.

Em “A letra e a voz” (1993), Zumthor já havia dividido a oralidade em categorias, mas, diferente de Ong, elas foram feitas em três. A primeira é a *primária e imediata*, que “não comporta nenhum contato com a escritura (Zumthor, 1993, p. 18), ou seja, é característica das sociedades desprovidas de todo o sistema de simbolização gráfico, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos. A segunda é denominada como *oralidade mista*, “quando a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada” (Zumthor, 1993, p. 18), na qual, essas culturas coexistem. E a última é denominada como *oralidade segunda*, que vem a ser característica de uma cultura letrada, e se “recompõe com base na escritura num meio onde este tende a esgotar os valores da voz no uso do imaginário” (Zumthor, 1993, p. 18).

Observando as discussões trazidas pelos estudiosos, é notório que partem de um mesmo princípio, o de que a oralidade é a gênese do discurso pois precede ao mundo letrado. Ao relacionar com o objeto de estudo desta pesquisa, pode-se afirmar que está inserida no que Ong denomina como sociedade mista, que tem forte influência do mundo escrito e das tecnologias. Ao fazerem a divisão das culturas em antes e depois do surgimento da escrita, os autores evidenciam as mudanças sofridas pela sociedade, por consequência das transformações de seu tempo.

O QUE É LITERATURA ORAL?

Literatura oral tem sua gênese a partir da existência dos primeiros povos que habitaram a terra. Por serem ágrafos, os conhecimentos e experiências cotidianas eram passadas de maneira oral, por gerações. Somente após a transição para o universo letrado, foi possível registrar essas narrativas, oriundas da tradição oral. Como afirma Cosson (2014):

[...] a literatura faz parte das comunidades humanas desde os tempos imemoriais são testemunhos os mitos cosmológicos.[...] Essas múltiplas funções dos mitos e de outros relatos exemplares serviram de base para a

literatura em diversas manifestações, gerando uma pletera de gêneros, inicialmente orais, depois escritos, como as gestas, as adivinhas, as lendas, as canções, os ditados, as sagas, as anedotas, as epopeias, as tragédias, as comédias, os contos, os provérbios e outros tantos modos de usar a palavra para ser apenas palavra antes e depois do mundo- o uso que faz essa palavra se tornar literária. (Cosson, 2014, p. 11).

Apesar da importância que a oralidade desempenha para o desenvolvimento das sociedades, ela foi relegada a segundo plano, os seus produtos eram sempre vistos como de menor importância, por estarem ligados ao popular. De acordo com Câmara Cascudo (2006), a oralidade ganhou definição quanto literatura muito tempo depois, no ano de 1881, “criou-a Paul Sébillot, com a sua *littérature oral de la Haute-Bretagne*. Definiu-a, porém, muito tempo depois” (Cascudo, 2006, p. 21).

Câmara Cascudo é um importante folclorista brasileiro, seus estudos são de fundamental importância, pois buscam por meio da oralidade, um resgate social e identitário, traçando panoramas sobre a formação do país. Segundo o autor, “a Literatura Oral Brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual, indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, histórias, lembranças...” (Cascudo, 2006, p. 27). Desta forma, tem-se uma literatura miscigenada, rica culturalmente, importante para configurar inconsciente coletivo nacional.

O autor afirma que, “canto, dança, mito, fabula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam, presentes e ondulantes na imaginação coletiva” (Cascudo, 2006, p. 52). Desta maneira, entende-se que por serem um produto da memória coletiva, as narrativas modificam-se e se adaptam de acordo como ambiente em que estão inseridas, e com os seus narradores, um exemplo disso, é que mesmo fale um tema comum, ganham características próprias de acordo com a ambientes em que estão. Estudos como os de Câmara Cascudo, trazem discussões importantes sobre a oralidade e o cânone literário.

Segundo Moreira (2011), o termo cânone era utilizado originalmente por religiosos, e foi introduzido no campo da literatura, então, passou a ser entendido como uma coleção de obras, reconhecida como “melhores”. A respeito disso, Cosson (2014, p. 23), afirma que “a literatura vai muito além do cânone com sua teoria dos polissistemas, também pode contribuir para uma outra maneira de compreender os modos de existência da literatura”. É necessário compreender que a literatura não pode ser estudada apenas

tendo como base as obras clássicas, e que também está relacionada com as histórias que não estão registradas de maneira escrita. Mesmo dentro das universidades há poucas disciplinas voltadas para a literatura oral, o que demonstra a distância de seu reconhecimento como um objeto científico relevante.

Apesar desse cenário, vem crescendo um movimento que busca, por meio das narrativas orais, fazer um resgate cultural e identitário, principalmente de comunidades tradicionais, como os quilombolas, indígenas, entre outras. Isso ajuda a preservar os costumes e tradição de seu povo, contadas por pessoas pertencentes a esse meio social e não mais por terceiros. Cascudo (2006), diz que ao lado da literatura pertencente ao pensamento intelectual letrado correm as águas paralelas, solidárias e poderosas da memória e da imaginação popular. É por meio da oralidade que os indivíduos têm o primeiro contato com a literatura, por isso ela é detentora de vastos conhecimentos que precisam ser mais bem explorados.

A questão em debate não é a substituição do cânone, mas que o estudo sobre a literatura se torna mais democrático, dando o reconhecimento aos saberes trazidos pelos povos que ajudaram a construir o país, saberes esses que ajudam a entender a maneira como a sociedade é constituída.

Ao fazer uma pesquisa sobre a oralidade, faz-se necessário discutir a respeito do papel do narrador, da memória e da performance, pois são elementos fundamentais nesse processo. As narrativas são construídas, contadas e recontadas com base nas reminiscências das pessoas, principalmente dos mais velhos. Quando se fala sobre narrativas orais, é comum que as pessoas relacionem com suas memórias de infância, e isso não é por acaso pois é nessa faixa etária que se tem o primeiro contato com elas, independente da maneira que isso acontece. Nas comunidades tradicionais, como é o caso das ribeirinhas, os narradores são quase sempre pessoas da família que tradicionalmente possuem a responsabilidade de educar os mais novos e repassar adiante as tradições de sua comunidade.

No decorrer da vida, quem antes era ouvinte torna-se narrador e conta as histórias que viveu ou as experiências de outras pessoas. Segundo Benjamin (1987), a arte de narrar está em vias de extinção, porque são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Um dos principais motivos são os avanços tecnológicos, que mudaram a maneira de se comunicar e, com isso, o hábito de contar histórias da maneira

tradicional não é mais visto com frequência.

Essas narrativas são misturas de experiências que passam de geração em geração e acabam sendo introduzidas no imaginário coletivo. As pessoas se identificam nos lugares, personagens e modos de vida, como uma forma de reconhecimento indetentário. Em relação a esse intercâmbio de experiências, pode-se dizer que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos diversos narradores anônimos” (Benjamin, 1987, p. 198). O que caracteriza a existências das narrativas orais são as vivências do narrador, pois o ato de contar histórias consiste em uma constante relação entre a nossa percepção do mundo e a percepção dos outros, um intercâmbio de experiências.

Benjamim (1987), classifica os narradores em dois grupos: o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”, sendo o primeiro aquela pessoa não tem experiências para além do seu lugar de origem, e o segundo alguém que viajou diversos lugares e conheceu muitas culturas. Neste trabalho, entende-se que ambos os narradores possuem o mesmo grau de importância, entretanto, o foco da pesquisa está no primeiro, o “narrador sedentário”, os indivíduos que não viajaram por muitos lugares, mas são grandes conhecedores das histórias do seu lugar de origem.

Desta maneira, tem-se como exemplo os moradores do Distrito de Barreira do Andirá, que através de suas reminiscências, resgatam a tradição de seu povo e ajudam a preservar os elementos culturais e indetentários da comunidade. Para Benjamim (1987) a verdadeira narrativa tem sempre uma dimensão utilitária, pois parte da natureza artesanal, tem suas raízes no povo. Essas narrativas são contadas pelas pessoas mais velhas, conhecedoras das histórias que circulam no local, que as repassam para as outras gerações.

O autor fala que a memória é musa, a mais épica de todas as faculdades, porque somente uma memória abrangente permite à narrativa apropriar-se do curso das coisas. Nesse mesmo sentido, Zilberman (2006) diz que ela é uma faculdade humana, encarregada de reter os conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo que armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Sobre o estudo da memória na antiguidade clássica, Freitas diz que:

Na Antiguidade Clássica, os gregos fizeram da memória uma deusa, Mnemósine. Essa deusa lembra aos homens os heróis e os seus altos feitos e também preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem que quando possuído pela memória é transportado por ela ao coração dos acontecimentos antigos, tornando-se, assim, um adivinho do passado. (Freitas, 2006, p. 52).

A memória tinha grande importância na Grécia antiga, pois era uma civilização sem escrita, que dependia da oralidade para a transmissão de seus costumes e tradições. Todavia, eles tinham uma concepção diferente do que era memória, pois significava algo sagrado, privilégio apenas de alguns homens, uma maneira de se conectar com os deuses.

No que diz respeito à memória das pessoas mais velhas, Bosi afirma que “eles são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se preserva e o presente se prepara” (Bosi, 1979, p. 18), não apenas na ideia de lembrar das coisas, mas porque os velhos têm uma memória social vasta e definida, pois presenciam vários acontecimentos no decorrer de sua existência. Essa memória dos velhos é coletiva, primeiro, parte de uma lembrança individual, mas depois se constitui na memória de uma comunidade. Ainda sobre isso, Bosi (1979, p. 22) aponta que “nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas, elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis...”

A memória dos velhos se constrói entre a história e a ficção, um elo entre o presente e o passado, ela ultrapassa até o sentido da vida desses sujeitos, porque através das histórias de famílias, das narrativas de uma comunidade ou das tradições, conhecemos personagens que já não existem. Quando contam as suas histórias, os mais velhos sentem-se valorizados pois percebem que as suas experiências são válidas e que existem pessoas interessadas em ouvi-los. Bosi (1979) diz que essa felicidade só é sentida por consequência da opressão de seus processos de envelhecimento, sejam por intermédio das questões institucionais, psicológicas, técnicas ou científicas, é uma espécie de esvaziamento, que faz essas pessoas buscarem em outra época uma forma de se sentirem úteis novamente.

A respeito da performance, Zumthor (2000, p. 31) discute que ela se situa em um contexto que é ao mesmo tempo cultural e situacional, como uma “emergência”, e quando isso acontece é porque atingiu sua plenitude. Ele a considera não somente nela

mesma, mas em sua qualidade de emancipação do corpo, que sonoramente o representa de forma plena, “[...] gesto e voz, regulados um para o outro, asseguram uma harmonia que nos transcende [...] o elo que liga a voz ao gesto é de ordem funcional, resultando de uma finalidade comum (Zumthor, 1993, p. 48). A performance acontece na prática da contação das histórias, uma vez que as narrativas são direcionadas a um público, que interage e ajuda o contador a lembrar dos fatos, e esse processo é feito usando o corpo, as expressões faciais, o ambiente, dentre outros.

ENGERAMENTO E OUTRAS HISTÓRIAS: AS NARRATIVAS ORAIS NO DISTRITO DE BARREIRA DO ANDIRÁ

O distrito de Barreira do Andirá, é uma das maiores comunidades do Município de Barreirinha, como afirma Cruz (2017), ele está localizado em frente ao Rio Paraná Ramos, e faz fronteira com o município de Parintins. Possui cerca de 206 famílias, como indicam os registros feitos pela presidente da comunidade e pelo posto de saúde local. Segundo Gonçalves¹⁹, um dos moradores mais antigos:

A fundação da comunidade, foi uma professora de Barreirinha e o marido dela que fundou essa comunidade. A professora eu não sei o nome, mas o marido dela chamava Zé da Silva. É a mulher do Zé. A gente chamava “da Silva” pra ele. Eles que vieram fundar essa comunidade aqui. E eu estava no meio, eu estava assim, um rapaz de quinze anos, mas eu já trabalhava. (Gonçalves, 28 de outubro de 2022).

Essas informações passadas pelo morador não estão registradas de maneira documental, entretanto, neste trabalho não nos preocupamos em apontar uma narrativa verdadeira, mas mostrar os diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto. Um exemplo disso, é que outras pessoas da comunidade, relacionam a sua fundação e organização a partir da implantação de uma sede religiosa, no caso, a igreja de Nossa Senhora das Graças. Para o historiador Basílio Tenório:

Barreira do Andirá, que começa com o ajuntamento indígena autóctone (Sateré- Mawé), passa ao logo dessa história pelo crescimento de Vilarejo Barreira de Andirá. Ela foi um ajuntamento indígena, e a prova disso é o sítio arqueológico que existe lá, inclusive, onde mora os teus avós.² [fala para a pesquisadora] .Tem uma terra preta, chamada ‘terra preta de índio’²⁰. [...] Se

¹⁹ Morador da Comunidade de barreira do Andirá, que concedeu entrevista no dia 28 de outubro de 2022.

²⁰ Terra preta de índio: “São solos que se depositam acima das matrizes de solos originais, são muito escuras e bastante férteis [...]. Atualmente não há dúvidas de que são formações situadas em antigos locais de

“você já vem de lá da Terra Preta, tinha aquela baixa, e na subida da baixa, tinha um aterro, a chamada ‘terrada da Barreira’, ali existiu uma casa portuguesa, dos antigos Tenório. Nessa época, a Barreira era o misto de comunidade indígena e de imigrantes portugueses, que vieram a partir do século XVI. [...]. As famílias que chegaram, se misturaram aos indígenas que estavam ali, no final do século XVIII, e vão gerar os seus filhos. (Tenório, 28 de outubro de 2022).”

Ao analisar essa evolução sobre a origem da comunidade é perceptível que houve uma espécie de hibridismo cultural por consequência do deslocamento desses diferentes povos e culturas para uma mesma região, o que contribuiu para a formação do Distrito. Canclini (1997, p. 19), conceitua o hibridismo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Todos esses elementos foram se transformando, e deram origem à comunidade quanto espaço físico, mas principalmente a esse ambiente multicultural. Quando o historiador fala sobre a “terra preta²¹ de índio”, dá um exemplo de como esse processo acontece na prática, porque fala de um lugar onde a cultura indígena e a portuguesa coexistiam, se misturaram e construíram uma cultura mista.

Atualmente, as principais atividades culturais existentes na comunidade, são as pastorinhas natalinas²² e o boi-bumbá, na figura do Boi-Fofinho, que se apresenta todos os anos no mês de agosto, com suas toadas e alegorias próprias, que contam narrativas existentes no local. Todas as apresentações são feitas de maneira amadora, com a colaboração dos moradores. Nas apresentações, são mostradas muitas situações do cotidiano daquelas famílias, formadas majoritariamente por agricultores e pescadores.

A memória é um dos principais elementos constituintes da narrativa, pois guarda os conhecimentos e experiências adquiridas durante a vida. De acordo com Le Goff (2003), são relatos pessoais, vistos como narrativas dos sujeitos, artificiais da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desses sujeitos, que acionam a sua capacidade psíquica de memorar, propriedade humana de conservar informações sobre

moradias de povos indígenas. Mais que isso, foram criadas por sociedades complexas, principalmente entre 500 e 2. 500 anos atrás”. (LINS, 2019, s/p).

²¹ O historiador faz referência ao local chamado Terra Preta, onde fica a casa dos avós da pesquisadora.

²² A celebração natalina das pastorinhas é formada por pessoas que representam os personagens dos presépios natalinos como José, Maria, anjos e estrela. Os personagens dançam e visitam lugares da comunidade onde foram montados presépios, cantando louvores ao Menino Jesus.

o passado. Ao narrar as pessoas acionam as suas reminiscências, e esse processo de certa maneira se liga com o campo da história. É comum que os narradores façam um apanhado histórico, como uma forma de contextualizar seu ouvinte, principalmente quando se trata de pessoas mais velhas. Isso pôde ser observado quando seu Antônio começou a narrar suas histórias:

A primeira história que eu vou contar, é que eu nunca mais vi, foi aqui na colônia dos Japoneses, aqui na boca do Andirá, em Pedras. Eu ainda vi, eu era menino, assim, mas eu vi, uma grande colônia com família de japoneses. Ia pra cá, [faz o movimento com a mão], lá da Santa Luzia, lá pro Uaicurapá. (Gonçalves, 28 de outubro de 2022).

No relato acima, ele conta sobre o processo de migração japonesa na Amazônia, que de acordo com Sá (2012, p. 02) teve várias fases, “a segunda, a partir de 1931, em Parintins, com a chegada dos chamados *koutakusei*²³, cuja atuação envolvia não apenas produção agrícola, mas também pesquisas e cuja principal contribuição foi a aclimação da juta no Brasil”. Com isso, pessoas de diferentes partes do país vieram para a região norte e ajudaram a desenvolver a economia, a ciência e cultura da região.

Esses acontecimentos presenciados durante a infância de seu Antônio, nortearam o desenvolver das narrativas seguintes, e contribuíram para que a pesquisadora conhecesse mais sobre momentos históricos que ajudaram a construir a comunidade e seus arredores. Para Bosi (1979, p. 21-22) “[...] a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, ressignificação pelo desfiguramento de paisagens caras...”. Mesmo que o ouvinte nunca tenha ido a esses locais, consegue imaginá-los, pois o narrador deu a ele elementos que afloram a sua imaginação.

Dos diversos tipos de narrativas existentes, as fantásticas são uma das mais conhecidas, elas ganham características específicas, de acordo com o contexto em que estão inseridas, e nas comunidades ribeirinhas, recebem nomes, como por exemplo, ‘histórias de visagem (fantasmas)’. Para Camarani:

²³ *Koutakusei* significa “aluno da *Koutou Takushoku Gakkou* (Escola Superior de Colonização)”. A palavra “colonização” é amplamente utilizada na tradução da palavra japonesa *takushoku*, que significa, na verdade, “fazer a terra produzir”, e não tem a acepção de vilipêndio e expropriação que geralmente acompanham a palavra portuguesa (Sá, 2011, p. 293).

A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza, que não se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais. (Camarani, 2014, p. 07).

Por mais estranhas e improváveis que essas histórias pareçam para um ouvinte de fora, nas comunidades ribeirinhas ninguém ousa desacreditá-las, pois é aprendido desde muito cedo a respeitar aquilo que ninguém consegue explicar. Em relação a isso Wawzyniak (2003) diz que, na concepção dos ribeirinhos, o lugar que eles habitam, além de possuírem características ecológicas, específicas, são dotados de significados próprios e tidos como domínios de seres demiúrgicos, considerados seus donos e sua mãe. Crê-se que a natureza é sagrada, uma figura matriarcal, onde tudo tem mãe, os rios, a floresta, os animais. Como afirma Galvão:

[...]algumas crenças derivam de tradições européias, conservadas e transmitidas pelos colonos do primeiro dos primórdios do povoamento ou mesmo por imigrantes recentes, outras trazidas pelos escravos africanos e, finalmente, se atribuem ao ancestral ameríndio. Essas crenças se modificaram e se fundiram ao catolicismo construindo a religião do caboclo. (Galvão, 1976, p. 66).

Os moradores desses locais possuem tanta fé em suas orações, quanto no banho de ervas e benzimentos para tirar os maus-olhados. Essas diferentes expressões são frutos da mistura cultural que deu origem ao país e se relacionam harmonicamente. Durante a coleta das narrativas na comunidade de Barreira do Andirá, surgiram algumas histórias de visagem, contadas por: Antônio Gonçalves Viana (86), Maria do Carmo (79) e Paulo Sérgio dos Santos Trindade (66) e Moisés Viana (50):

Eu vi três tipos de visagem. A primeira vez quando eu vi uma visagem, eu estava jovem ainda, eu tinha dezesseis anos. Eu estava rezando essa reza que chamam de recomendação das almas²⁴. Eu estava rezando e avistei uma, e era a formatura²⁵ dum homem, mas não era homem não. Sumia assim na minha

²⁴ Recomendação das almas” é uma expressão ritual religiosa realizada por um pequeno grupo de pessoas chamadas de encomendadores de almas ou, como são chamados na região, “recomendadores”. Estes saem às ruas vestidos de roupas brancas, mantos ou toalhas na cabeça e sinetas nas mãos, com o objetivo de “recomendarem” as “almas do purgatório”.

²⁵ A expressão “formatura”, nesse contexto, refere-se às configurações físicas.

frente. Era uma hora da madrugada. Essa visagem eu vi. Pior é quando você tem medo, mas eu não podia dormir. (Gonçalves, 28 de outubro de 2022).

Nessa narrativa, observa-se que o seu desenvolvimento se deu a partir do sincretismo religioso existente no local, influenciado pela igreja católica. A reza da recomendação das almas, uma prática já extinta na comunidade, consistia em uma oração em forma de canto, direcionada às almas que precisavam de salvação.

No diálogo abaixo, Seu Paulo falou sobre essa mesma prática, e com isso, percebeu-se uma interligação entre histórias, não só pelo tema, mas por ele contar a sua narrativa, tendo como base, os relatos e vivências do narrador anterior.

Senhor Paulo Trindade: - A estearina²⁶ era um osso...o Antônio Carneiro que contou a história ele mesmo, que andavam nas casas rezando, depois ofereciam caveira pra ele. **Pesquisadora:** Que roupa eles usavam? Ouvi dizer que eles usavam a roupa toda branca? - Sim. Tudo branca. Eles usavam roupa tudo branca, toda coberta, pra ninguém saber que era eles que estavam na casa rezando. Quando eles chegavam na casa, eu acho que era uma coisa mandada, não sei...cachorro brabo não latiam em nenhum não. Só faziam rosnar e se quietavam. **Pesquisadora:** Mas, eles só iam na casa das pessoas que tinham parente morto? - Não, qualquer uma casa eles io. Qualquer uma casa eles io fazer aquele ritual deles. Eles rezavam também em canoa. Rezavam n'água. Quando o pessoal morria afogado, eles iam rezar. Eles começavam bem baixinho, depois io. Não podia brechá as pessoas que rezavam, porque eles davam osso. Davam osso pra pessoa. Seu Antônio Viana, era padre, era primeira voz, segunda voz... Aquela alma que morria acompanhava ele, a estearina dos morto, era aquele o osso da canela. Quando ficavam brechando quem tava rezando, quando chegavam, diziam assim: - Pega essa estearina! Aí agarrava. - Não conta pra ninguém. Guarda... Disque, alguém guardava nas maletas. Quando de manhã iam vê era um osso. Era osso mesmo de gente. As almas acompanhavam. Eles recomendavam as almas, porque sentiam que aquele era o ritual deles, os antigos. E aí, rezam. Batiam o sino assim: - Teneneném! Teneneném! Iam todos de cabeça amarrada. Eram sete elementos. Se sentavam calados na casa dos outros. Batiam o sino e começavam a cantar. Iam devagar, igual guariba. Quando não demorava já estavam cantando bem alto (Trindade, 26 de outubro de 2022).

Um ponto importante que pôde ser percebido nas narrativas é a presença de muitas vozes, um jogo que torna tudo dinâmico, pois o narrador precisa dos estímulos do seu ouvinte. Seu Paulo descreve detalhadamente como acontecia essa reza para recomendar as almas, as vestimentas, os ritos; e esses relatos mostram como as diversas crenças se misturam com a maneira como esses indivíduos percebem o mundo.

²⁶ Um dos componentes da vela, mas na situação, trata-se de uma metonímia, em que o narrador nomeia a substância como se fosse o produto.

Outro elemento característico desse tipo de narrativa, é o fato das visagens aparecerem como uma forma de aviso ou punição pela desobediência. Como afirma Wawzyniak (2003), “quem transgredir as normas de convivência com a natureza é punido”, de maneira que, para conviverem em tal ambiente, o indivíduo e o grupo precisam conhecer ou criar, as regras que os rodeiam. Ao observar a maneira saudosa como seu Paulo contou suas histórias, a pesquisadora pergunta a ele qual a diferença de antigamente para os dias atuais:

Antes, eu contava história, de um certo tempo, tudo mudou. A gente não fala mais bom-dia pro lado do outro, né? Não se abraça mais pra matar aquela saudade quando a pessoa está longe. Hoje não tem mais isso. Não tem mais menina que brinca de roda, brinca de manja. Não tem mais isso.

Depois que inventaram o celular, nem filho toma bença de pai nem de mãe. Hoje em dia, os filhos querem sabe o quê? fazer pai e mãe de empregado. No meu tempo era na lei da porrada, não tinha conselho que desse jeito. (Trindade, 26 de outubro de 2022).

As tecnologias modificaram a maneira como as pessoas se comunicam, como evidenciado no trecho: “*Depois que inventaram o celular, nem filho toma bença de pai nem de mãe*”. Os antigos hábitos característicos do seu local de pertencimento vão sendo esquecidos, e assim ocorre uma perda cultural muito grande, como o que aconteceu com a reza de recomendação das almas, que foi extinta do local por falta de pessoas interessadas em aprender. E por não estar registrado de maneira escrita, os mais velhos quando morrem, levam esse conhecimento consigo.

Outro narrador que contou sobre histórias de visagem foi por Moisés (50), o mais novo dentre as pessoas entrevistadas, seu relato diz respeito a acontecimentos da vida de seu pai:

Essa história é do papai, ele morava no Laguinho²⁷ na época. Nessa época, não tinha estrada que vai agora direto, eles tinham que ir pela Terra Preta, pela frente da comunidade, e era feio a estrada. Tinha uma fama aí que aparecia visagem, aparecia uns homens de branco lá, quando passavam pelo toco da sumaumeira. Quando passavam por lá, já ia arrepiando o pessoal, porque lá tinha fama que aparecia visagem. O papai não acreditava muito nisso, mas respeitava. Aí quando foi um dia, ele estava tendo um treino aqui na Barreira, ele veio jogar a bendita bola, e foi embora a partir das seis horas, já estava escuro. Aí quando ele chegou na dita samaumeira, lá estava o cara, de branco, bem branco mesmo, com uma bandeja na mão. O papai olhou assim, e aí ele, foi, né?. Ele disse: Eu não vou mexer com ele não. Ele tinha muita coragem, e

²⁷ Nome de uma comunidade da Barreira do Andirá.

foi. Tava na beira da estrada. O papai passou e ainda disse assim: - Eu só não quero que mexam comigo.

Quando ele chegou bem mesmo de frente da figura lá, não conseguiu mais andar. A perna travou, e ele começou a rezar. (...). Aí, tinha uma casa, da mãe de uma senhora, que ficava bem na rua, quase pra chegar no Laguinho. Chegou lá, ele nem foi perguntando, ele bateu em cima da porta, e varou lá pra dentro com a mulher. Ela até se espantou. - Quem é?

- É o Mário Viana. Vim me esconder de um homem que andava atrás de mim, com uma bandeja, tudo de branco. Ele ficou um pouco com a mulher lá, depois, de um tempo ela deu uma poronga²⁸ pra ele, aí ele pegou e foi embora andando. Mesmo assim, ele ia com Deus, né? Até chegou no Laguinho, olhou pro cachorro brabo, e foi nesse dia que ele perdeu o medo de cachorro brabo. Quando os cachorros avançaram em cima dele, ele ficou feliz. E ele ficou assombrado um tempo por causa disso. Nunca mais ele passou por aquele lugar (Viana, 26 de outubro de 2022).

Ao comparar com as outras narrativas, percebeu-se que existem dois principais tipos de narradores, pensamento desenvolvido por Benjamim, ao que diz: “o cronista é o narrador da história [...] o historiador é obrigado a explicar de uma outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo (Benjamim, 1987, p. 209).

Deste modo, um primeiro que vivencia as experiências na prática, e outro que repassa a história de terceiros. Ambos possuem a mesma importância, pois ajudam a preservar as narrativas e o hábito de contá-las; são os verdadeiros “percussores da historiografia moderna”. Para além, percebe-se pelas histórias de visagem uma forma de punição por desobedecerem às regras pré-estabelecidas socialmente ou como uma espécie de aviso para respeitá-las.

Em seu texto “Engerar em bicho”, Wawzyniak (2003), diz que “a categoria “engerar” está associada a transformações do corpo, “para as pessoas, os encantados possuem a capacidade de se transformarem em seres de outras espécies e em determinadas criaturas, lançarem o seu olhar sobre os homens, encandeando-os ou adoecendo-os”. Na narrativa abaixo, as pessoas transformaram-se em Matim e Porco, no decorrer da história, aparecem muitas das características citadas pelo autor. Essas histórias de engerramento foram contadas por dona Maria do Carmo:

Vocês conheceram a mulher dos Tavares? [Perguntou à pesquisadora]. Como é mesmo nome dela? [Tentou lembrar de quem se tratava]. A Júlia. A Julinha.

²⁸ Um tipo de luminária, feita a partir de latas de óleo.

Ela parava sempre aqui pela Barreira com as parentage dela. Ela se engerava²⁹ de aves. Porque a tia Maria do Carmo não está aqui, se não ela ia contar... A mãe da Dona Júlia estava muito mal, nós fomo embora todos nós lá de casa. Só ficou os homens. Fomo embora... chegamo lá, ela estava na rede. - Nós viemos lhe ver. Trouxe um açúcar para senhora.-Tá bom.Ficamos lá... Quando foi umas seis horas, eu disse: -Olha, vamo embora que daqui pra casa é longe, e nós vamos por terra. Quando chegou no meio da viagem, eu disse: -Maria do Carmo [filha de dona Maria], quando for daqui a pouco a comadre Julia vai cantar lá na porta lá de casa.-Será, mãe? -Vai sim. Porque ela não tem medo. Quando nós temo jantando, ela já está cantando lá embaixo do biribázeiro. Ela se engerava pra Matim. Matim! Quando terminamo de jantar e fomo se deitar...ela [filha de dona Maria] tava conversando do lado do finado Joia [apelido do genro de dona Maria]. Nem demorou, mana, ela cantou três vez. Ela [filha de dona Maria] deu um pique e correu. Eu só entendi assim: - Mamãezinha, a senhora bem que me disse que ela ia cantar perto da porta onde eu durmo! E olha, ela se atracou com o finado Joia. Isso era toda noite. Tinha dias que a gente estava jantando, ela vinha di fora e cantava perto do biribazeiro, e ela assoviava. Aí ela ia imbora, assoviar lá perto da casa da comadre Júlia. Daí ela ia embora assoviar lá na casa da comadre Creuza. O marido dela ia pescar, e ela ia embora assoviar bem na beira do casco dele. Já era senvergonhamente. A finada Maninha também, dali do Laguinho. Não sei se vocês conheceram a finada Maninha, mãe da Júlia, que é mãe do Manel. Ela também se engerava. Uma viagem, ela espantou o Tiozinho. Ele estava pescando, porongando. Quando ele deu, amodo que assoviou no canto do casco dele. Ele agarrou, desconjurou ela, e quando ele escutou, ela já estava assobiando lá pra banda do Bodó. Isso tinha e tem. Tem gente que se engera pra pássaro, pra porco... A finada Maria Odete se engerava pra porco. Até que ela foi comer macaxeira do companheiro dela, lá no Zé Açú. Ele passou o tiro na perna dela e ela se desengerou. Aí ele se espantou, ficou espantado e gritou. Carregaram ela, e aí levaram pra Parintins. Ainda bem que foi na perna, mana. Se fosse no bucho dela, tinha morrido. Aí que ele foi saber. (Dona Maria do Carmo, 26 de outubro de 2022).

Foi possível perceber que nas narrativas contadas por dona Maria, diferentemente de outras histórias de engeramento, as pessoas que se transformavam eram moradores da comunidade ou de comunidades vizinhas, não necessariamente seres míticos. Não se transformaram por consequência de algum castigo ou contravenção das normas sociais, mas porque isso fazia parte de sua natureza.

Outro elemento que chama a atenção é a utilização de vários personagens, moradores antigos da comunidade, dos quais a pesquisadora não tem conhecimento. São as várias pessoas do discurso, que vão conectando as histórias, como um fio condutor de memórias coletivas. Dona Maria consegue sequenciar as histórias fazendo com que elas se completem. Ao ler sobre essas mulheres que se engeravam, veio em mente um episódio do livro Macunaíma, no qual Mario de Andrade fala sobre um acontecimento

²⁹ Engerar significa transformar-se em algo.

parecido, que ocorreu com a mãe do personagem.

[...] chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiando, tinha sido uma peça do Anhangá. Não era viada não, era mas a própria mãe Tapanhumas, que Macunaíma flexara e estava ali morta, toda arrranada com os espinhos das titaras e mandacarus do Mato. (Andrade, 2010, p. 30).

Pela obra se tratar de uma rapsódia, ou seja, ser construída a partir de várias narrativas orais, se assemelha ao que foi contado pela moradora. Nela, é possível encontrar representações do folclore indígena e expressões da região amazônica. Outro ponto em comum, é o fato do engeramento - apesar do autor não utilizar esse termo - significa algo negativo, um castigo. Quem se engera, transforma-se quase sempre em animais. As toadas falam sobre o cotidiano daquelas pessoas, os mitos, lendas e lugares encantados. A festa não possui grande estrutura, é pensada e executada por quem mora no local. Nos últimos anos, o planejamento da “noite cultural”, como é chamada, fica sob a responsabilidade da equipe que trabalha na Escola Municipal Nossa Senhora das Graças.

Percebe-se assim que, a partir da criação da toadas, há o registro das narrativas orais da comunidade. Já foram gravados alguns CDs, e isso mostra como a oralidade pode se aliar os avanços tecnológicos para que não desapareça, a fim de que possa ser amenizada a carência por um contato humano direto. Apesar da prática antiga da oralidade não ser vista com frequência, esforços como os dos moradores da comunidade fazem/farão com que as novas gerações conheçam a cultura do lugar. As comunidades tradicionais têm uma forte ligação ao núcleo familiar, por serem fundamentais para a manutenção dos saberes e tradições. É no ambiente familiar que as pessoas constroem as suas primeiras memórias e tem um dos exemplos do viver em sociedade.

É por meio das pessoas que a cercam que a criança conhece mais sobre a cultura, crenças e tradições do lugar origem, por isso entender as suas origens é tão importante. A pesquisadora foi criada em uma comunidade ribeirinha, chamada Barreira do Andirá; na referida localidade, vive parte de sua família, que migrou do Pará e firmou moradia em um lugar afastado da comunidade, chamado Terra Preta.

De acordo com os relatos que a pesquisadora ouviu durante a infância, seus familiares chegaram à Barreira do Andirá, em meados de 1930, de uma região chamada

Curumcuri, em Juruti. Dentre as pessoas que migraram, estavam: Francisco Trindade, sua irmã, chamada “Velha Tapuia”³⁰, Geraldo Trindade, Antônio Trindade, Francisco, entre outros. O que motivou a migração foi a busca por melhores condições de vida, pois tinham a promessa de conseguirem trabalhar com os japoneses, na construção da “Colônia Modelo Andirá”. Em relação a isso, Clarindo (2019) diz que:

A imigração japonesa na Amazônia surgiu como uma esperança para a recuperação da economia na região. Essa esperança estava deposita em um acordo entre o governo brasileiro e os japoneses para o desenvolvimento de um projeto agrícola derivado de um produto de fácil cultivo e forte demanda. (Clarindo, 2019, p. 268).

O processo migratório dos japoneses para Amazônia, já havia sido relatado por seu Antônio logo no início das narrativas, de maneira que, pode-se perceber que tais acontecimentos causaram um grande impacto na vida das pessoas que residiam na região, porque além de simbolizarem novas oportunidades de trabalho, também representavam a inserção de uma nova cultura, muito diferente de tudo que eles conheciam. Ao conversar com o professor Basílio a respeito dessas lembranças familiares, ele contou que Francisco Trindade, se casou com Adalgisa Castro, filha de Idemila Viana, mulher conhecida pela função de “matadora de onça”:

Eles vieram do Nordeste, ela e o pai dela. Ele chamava-se, José Nepubuceno de Castro. Chegou aqui, quando ele desembarcou do navio, segundo consta, o finado Cláudio Brandão foi lá receber uma partida de gado que vinha no navio, e aí perguntaram para ele: Já conseguiu montar a fazenda? -Não. -Rapaz, mas por quê? Lá tem muita onça. É só botar o gado que a onça come. Aí o Nepubuceno, que estava doído para trabalhar, disse: Se o senhor me contratar como vaqueiro, onça não vai mais comer o seu gado não. -Você está falando sério? Tô. Então já está contratado! Aí veio ele e sua filhinha, uma garotinha nova, loirinha. Era a Idemila Castro. E aí ele foi trabalhar com o Cláudio Brandão do outro lado do Amazonas. Ficou um tempo para lá. Depois, ele veio trabalhar com o Janco Brandão, aí em frente à Barreira. Atravessou o rio e colocou uma casa lá perto, onde é a Vila Manaus, lá era a casa dele. Tinha um outro nordestino aqui que eles não se davam bem, que era o Leucádio. O velho Leucádio, Manoel da Silva Laucádio, morava no Aninga, e deu o nome da propriedade dele de “Canta Galo”, que não é exatamente lá onde é o Canta Galo, mas pra cá um pouquinho, aquela baixada ali era o Canta Galo. E o velho Cazuzza, só para desafiar, deu o nome da propriedade dele lá do Ramos de “Canta Galinha”. E apelidaram ele de Cazuzza Galinha. Qual era a função do Cazuzza Galinha?! E ele era matador de onça. Segundo consta, ele não matava onça de tiro, matava onça de faca, para não espantar as outras. A dona Deca

³⁰ Não se tem conhecimento de seu nome

(Idemila), cresceu acompanhando o pai, porque era única filha. Aprendeu a caçar onça, era matadora de onça. (Tenório, 28 de outubro de 2022).

Essas histórias não eram de conhecimento da pesquisadora, e após conhecer mais sobre a origem de sua família, ela pôde perceber o quanto essa mistura cultural influenciou em sua vida, no modo de agir e se entender no mundo. Seus antepassados são uma mistura de indígenas, portugueses e nordestinos, e isso só descoberto no decorrer da pesquisa, por meio contação de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas orais são um componente marcante da cultura amazônica. Contar uma história não se trata apenas de relatar ou inventar um enredo, viu-se a partir de tudo aqui apresentado, que a literatura oral, mesmo com todos os empecilhos de natureza elitista, está longe de ser inferior. Narrar, sobretudo, é resistência. É a resistência cultural milenar de tradições, de memórias, de vivência.

Estar diante da própria história encarnada em pessoas, em lembranças, é resgatar toda marca de um povo, o que desencadeia no descobrimento de si mesmo. Ao iniciar este estudo, levou-se em consideração o laço afetivo com as histórias nas quais envolvia a pesquisadora, quando criança, na comunidade de origem.

Percebe-se que, em um mundo globalizado, onde todos querem seu lugar de fala, a audição ainda é importante, e deve ser considerado como tal. A sabedoria do amazônica não necessita estar entre as plataformas digitais mais populares para mensurar sua relevância para a humanidade; nem o próprio contador precisa ter milhões de seguidores em suas redes sociais para defini-lo como grande historiador. Contudo, o universo digital também não se pode ser apenas tido como uma ferramenta deste neocolonialismo que tenta apagar os valores mais intrínsecos das pessoas. Em uma realidade onde todos alcançam a informação em segundos, contar e ouvir histórias é uma infinidade de um longo processo histórico que construiu toda a humanidade moderna atual. No decorrer desse trabalho, a pesquisadora percebeu a importância de valorizar as narrativas do lugar onde cresceu, assim como olhar as pessoas, mais velhas da comunidade, como uma fonte inesgotável de conhecimento. Por meio das narrativas a

pesquisadora pode aprofundar seus conhecimentos sobre a origem de sua família, e entendeu que o que realmente motivou a abordar tal temática foi a necessidade de se conectar com aquilo que lhe ajudou a se construir, quanto pessoa, pertencente a um lugar, pois é nesse ambiente que se reconhece como porta-voz dos velhos moradores do Distrito da Barreira do Andirá.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. **Macunaíma**. Editora Agir: Rio de Janeiro, 2010.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história na cultura**. Editora Brasiliense, 1987.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velho**. São Paulo: Tao Editora, 1979.
- CAMARANI, A.L. S. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.
- CASCUDO, L. C. **Literatura Oral no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- CLARINDO, R. N. L. **Fomos traídos e traímos: Migração de cametaenses para Tomé-Açu -1950/1970**. XVI Encontro Estadual de História ANPUH- RS. História Agora: Ensinar, Pesquisar, Protagonizar. Rio Grande do Sul, 2022.
- COSSON, R. **Círculos de Literatura e Letramento Literário**. São Paulo: contexto, 2014.
- CRUZ, E. T. **O fenômeno das terras caídas: uma mudança natural na paisagem e suas implicações na comunidade de Barreira do Andirá no município de Barreirinha-AM**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2017.
- FREITAS, S. M. **História Oral, possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanas, 2006.
- GALVÃO, E. **Santos e Visagens**. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/INL, 1979.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003
- MOREIRA, F. M. **O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em em o presidente negro, de Monteiro Lobato**. 2011. 14f. Dissertação (Mestrado em Letras), Frederico Westphalen, RS, Brasil, 2011.

ONG, W.J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Trad. Enid Abreu Dobránszy. Campinas: Papirus, 1998.

SÁ, M. E. **Presença Japonesa no Município de Parintins-Am**. In: XXII Encontro e professores universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Curitiba, 2012.

WAWZYNIAK, J. V. ““Engerar”: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo”. In: **Revista Ilha**. [s/d], 2003.

ZILBERMAN, R. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, setembro, 2006.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Trad. Jerusa Pires Pereira e Amálio Pinheiro. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

ENTREVISTADOS:

CARMO, Maria do **Entrevista**. [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am. Entrevista concedida para esta pesquisa.

TENÓRIO, Basílio **Entrevista**. [28/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Parintins-Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

TRINDADE, Paulo Sérgio dos Santos. **Entrevista**. [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

VIANA, Moisés. **Entrevista**. [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

VIANA. Antônio Gonçalves. **Entrevista**. [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá.